



## 1. LIBRAS UM OLHAR DO OUTRO, DENTRO DO MEU EU

Neste trabalho, teremos como estrutura central os estudos das interações entre a Língua Brasileira de Sinais, doravante LIBRAS, com o meio ambiente em que a mesma permeia.

Não abordamos a Libras como marca cultural individual, isolada ou caracterizada por uma cultura representativa de indivíduos em destaque, mas abordaremos a LIBRAS como Língua.

Veremos mais adiante que a Língua por si só não poderá, isoladamente, representar uma cultura; serão necessários outros elementos linguísticos, tais como meio ambiente, território e população.

Vamos entender o que seja língua.

A gramática é constituída de regras, mas regras têm a ver com a inter-relações existentes na natureza (Finke 1996: 79). Se está inter-relacionado, como a ciência moderna nos mostrou, como a língua conseguiria não fazer parte desse processo geral? (COUTO, 2007, p. 158).

As regras gramaticais são fundamentais em qualquer língua, servindo como parâmetros frente à interação para o entendimento e à compreensão, pois são processos linguísticos à comunicação com o Outro. Sim, é evidente que língua não é somente gramática, logo, não é somente regras com cadeados e correntes.

## 2. ECOSSISTEMA NATURAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – MEUS EUS

A Língua Brasileira de Sinais será aqui representada por (L)<sup>4</sup>, enquanto o povo surdo, usuário natural da (L), será representado por (P), logo, o espaço por onde a (L) é usada como forma de interação será representado por (T).

Portanto, P e T é o meio ambiente natural (M) da constituição da L. Esse meio ambiente permeia o seio familiar, a escola, o campo de futebol, a praça, o convívio informal e até mesmo o formal.

Quando aqui representamos L como Língua, esta L é muito mais que meramente a língua em uso; estamos nos envolvendo em uma sopa de agentes

<sup>4</sup> Nomenclaturas usadas por Hildo Honório do Couto (UnB), (2014, p. 30).

participativos, relação do povo com o meio em que vive, a intimidade com os seus outros, consonância com a ciência moderna, valoração linguística com signo-mente.

Lembramos que a L é mais ampla que as meras regras gramaticais envolvidas. A L em uso é viva, é dinâmica e interacional, ou seja, a L é semântica. Em nossa visão, não estamos discutindo L no campo das Ciências Sociais ou Ciências Humanas, mas, sim, partimos da natureza social do humano, a comunicação.

### 3. ECOSSISTEMA MENTAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

O cérebro é a máquina processadora dessa língua, assim como quaisquer outras línguas, seja ela no processo de aquisição, na esfera materna, ou social, como vizinho, escola, clube, praça ou campinho de futebol.

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua viso-espacial, pois é constituída no campo espacial à frente do corpo dos interlocutores, no espaço de interação, ou seja, no ecossistema social da Língua.

A parceria mente e cérebro é responsável pelo processo semântico da L, que resultará na I social e afetiva. O P dará valoração e norteará os signos ideológicos envolvidos no processo social, pois essa valoração é sócio-histórica-cultural de cada P, embebecido pelo M.

Segundo Aquino (2003, p. 158), “os valores são constituídos pela projeção de sentimentos positivos que o sujeito faz sobre objetos, e/ou pessoas, e/ou relações, e/ou sobre si mesmo”, portanto, a valoração está intrinsecamente conectada a nossa afetividade linguística.

Tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo (BAKHTIN, 1988, p. 52).

Mas o M não é o único responsável pela indução dos signos ideológicos, os P envolvidos são selecionadores e intensificadores ou não dos ditos signos ideológicos, e estes, por sua vez, são norteados pelos T externos. Entendemos, portanto, que o ecossistema mental está em uma esfera social cíclica e contínua, que não estaciona no tempo nem na história, está em constante movimento e a cada momento um novo signo é acionado ou destituído socialmente.

Essa seletividade mental é atribuída na concretude pelo P. Sabemos que o P não é indivíduo isolado, mas sim indivíduo coletivo. P é a coletividade social.

#### 4. ECOSSISTEMA SOCIAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – “VOZES” DOS OUTROS

Não se pode nunca ignorar sua época, mas a plenitude de seu sentido se dá na grande temporalidade. Do mesmo modo é preciso não enclausurar a cultura de uma época sobre ela mesma. Toda cultura contém inúmeras virtualidades de sentido que não foram descobertas durante sua vida histórica (AMORIM, 2004, p. 192).

O sujeito surdo, nativo ou não, usuário da Libras, constitui-se socialmente no espaço social em que vive. A sociedade é o *locus* das interações entre esses sujeitos surdos.

Lembrando que na atualidade a Libras não é mais uma língua exclusiva da comunidade surda - assim como atrevo-me a dizer que a Língua Inglesa não é mais do Norte Americano ou do Britânico -, a língua é de todos, a língua não tem mais espaço para ser deste ou daquele grupo social.

Com a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, em nosso país, a Libras foi reconhecida como a Língua Oficial como meio de comunicação do sujeito surdo. A mesma lei implanta a obrigatoriedade do ensino dessa língua nos cursos de graduação em licenciaturas e bacharelados no campo da saúde. Logo, as universidades, as escolas, as empresas na esfera da saúde, eventos políticos, sociais e, principalmente, religiosos legitimam e contemplam a Libras como meio de comunicação e interação social.

Esse é o espaço social, o ecossistema social da Libras. Percebemos que essa língua espacial não está mais limitada num dado espaço físico ou exclusivo de interação como fora no passado; já ultrapassou os limites geográficos e sociais de interação.

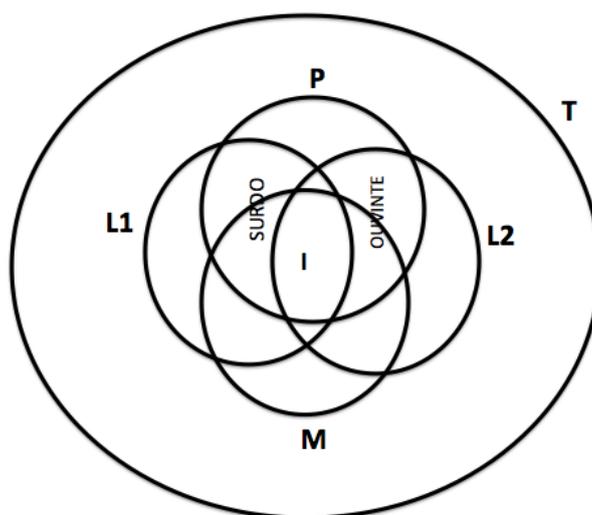


Fig. 01. Língua de Sinais como primeira língua (L1), Língua Portuguesa como segunda língua (L2), Povo (P), Território (T), Meio ambiente (M) e Interação (I). Fonte: O autor.

Observamos, na representação acima, que a P está representada pelos sujeitos surdos e ouvintes, pois entendemos que a condição física não é suficiente para caracterizarmos um novo sujeito, pois, antes de serem surdos ou não surdos, são humanos. Ambos pertencem ao mesmo M e certo ao mesmo T.

A L1 é aqui representada pela LIBRAS, uma língua viso-espacial, e a L2, representada pela Língua portuguesa, uma língua oral-auditiva. Entretanto, as duas L estão emaranhadas, ligadas e coligadas no mesmo M, logo no mesmo T.

No momento de congruência das L ocorre a interação social, logo, não justifica segregarmos sujeitos nem tampouco “culturas”. Diferentemente de um Px com Lx (própria), Mx (próprio) e Tx (isolado dos demais); neste caso, justifica uma cultura própria, mesmo sendo humanos. Observa-se que na congruência das L e P estão também o M, pois o M é a própria interação das L, é o *locus* social.

O espaço social da LIBRAS já foi contemplado exclusivamente entre os quatro muros das Escolas APAE; isso quando, em sua maioria, era usada somente no fundo dos quintais, pois a Libras não era reconhecida como Língua nem tampouco como processo linguístico; logo, o T eram as escolas especializadas com um P isolado do M social. Esses muros foram quebrados socialmente e hoje o P usuário da L1 está embebecido pela mesma escola, roupa, alimentação, direito e dever do M em que estão inseridos.

O M está em constante movimento. Conforme Duarte (2006, p. 119): “O homem não cria uma realidade sua, humana, sem apropriar-se da realidade natural”. Esse dito natural é o Meio Ambiente em que está inserido socialmente como participante de todo o processo estrutural e funcional num dado T. As necessidades sociais no e do uso da LIBRAS foram conquistando novos espaços geográficos, políticos, sociais, religiosos e culturais, sempre maestrado pela necessidade de sobrevivência. Podemos citar o sinal de CARTA, que caiu em desuso, e o sinal de EMAIL, cuja constituição de deu a partir de uma demanda social.



Fig. 02 – CARTA. Fonte: O autor.



Fig. 03 – EMAIL. Fonte: O autor.

## 5. ECOSSISTEMA FUNDACIONAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – “SONS” DO CORPO

Existem inúmeras teorias e até conceitos empíricos a respeito do que seja língua, de como se constitui a língua, onde está essa língua, quem é o povo usuário dessa língua, qual o espaço dessa língua e qual o território dessa língua.

Não podemos representar uma língua simplesmente por uma comunidade que a usa. É muito mais complexo, envolve outros aspectos sociais e espaciais, assim como a característica central da Libras, a espacialidade.

Língua (L) – Língua é signo, logo arbitrário. Todos os signos são ideológicos, constituídos na interação com o OUTRO. Esses signos ideológicos são estruturados sintaticamente num dado campo espacial, envolvendo as mãos, os membros superiores, tronco, membros inferiores e, principalmente, a expressão facial. A cada sinal um novo enunciado, um novo alvo semântico em relação ao meio em que a Língua está em uso.

As mãos são responsáveis pelas estruturas morfológicas, ou seja, o sinal pelo viés da significação. Com suas 101 Configurações de mãos – CM já registradas atualmente, segundo Barreto e Barreto (2012), podemos fazer infinitas combinações

fonológicas para a formação dos morfemas linguísticos da Libras. Podemos destacar: VERDADE e LETRAS LIBRAS.



Fig. 04 – VERDADE. Fonte: O autor. Fig. 05 – LETRAS-LIBRAS. Fonte: O autor.

Os membros superiores participam ativamente na ação do uso dos verbos, em especial das ações às sentenças, além de inúmeros sinais que constituem em seu parâmetro estrutural o ponto de contato nos braços, antebraços e ombros. Podemos destacar o verbos ACOSTUMAR e o substantivos BRANCO.



Fig. 06 – ACOSTUMAR. Fonte: O autor.

Fig. 07 – BRANCO. Fonte: O autor.

Os inferiores também participam da comunicação viso-espacial. O movimento das pernas para frente ou para trás indica inúmeras informações semânticas no processo de interação, além de indicar passado e presente com um leve impulso para trás e para frente, respectivamente. A exemplo, temos os morfemas (sinais) como CULPA.



Fig. 08 – CULPA. Fonte: O autor.

O tronco do corpo, incluindo tórax e abdome, do usuário da Libras é responsável pelo ponto de contato de um número extraordinário de sinais; espaço com melhor campo visual estrutural para os enunciadores da língua em questão. Destacamos, por exemplo: EU.



Fig. 09 – EU. Fonte: O autor.

O rosto, este sim, além de ser P.C. para inúmeros sinais, é o elemento central do recurso linguístico no campo da semântica. É no rosto que o significado se torna tema, logo, signo ideológico. Ou seja, o sinal só terá vida na interação com o meu OUTRO. Podemos destacar os sinais: VAGINA.



Fig. 10 – VAGINA. Fonte: O autor.

Assim, podemos nortear a nossa intenção a cada sinal, a cada enunciado, a cada acontecimento. Lembrando que o enunciado está atrelado ao meio ambiente (M), ao sujeito (P) e o território (T) que resultará na interação (I) por meio da língua (L). Vejamos os exemplos: GOSTOSO.



Fig. 11 – GOSTOSO. Fonte: O autor.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que P, T e L são indissolúveis. Como precisamos de 2 átomos de H e 1 átomo de O para compor 1 molécula de H<sub>2</sub>O, assim é a constituição do Sujeito – Povo, Território e Língua. Como desmembrar a L do sujeito? Se dissociarmos, não será mais L nem P; da mesma forma, se dissociarmos o H ou O, não será mais a água.

O ecossistema é a junção dos componentes linguísticos aqui envolvidos, também conhecidos popularmente como comunidade. Estudarmos T sem P não teria valor social nem econômico se não fosse de interesse de um grupo de P. Logo, T – P = não teria valor para as Ciências Sociais.

Não há T ou mesmo M delimitado ou reservado para o P surdo, logo, a I é mais que unicamente a L. As L1 e L2 permeiam o mesmo T e M, portanto, estamos falando de uma I social, linguística e cultural.

“A maioria das culturas está localizada em um território particular”. (COUTO, 2007, p. 106). Portanto, estamos falando da cultura humana quando envolvemos L1 e L2 no mesmo T e M, compartilhando do mesmo processo social, estudantil, diversão, jurídico, reprodutivo, médico, religioso dentre outras manifestações sociais.

## OBRAS CITADAS

AMORIM, Marília. O pesquisador e seu outro Bakhtin nas Ciências Humanas, Musa Editora, SP, 2004.

ARANTES, V. A & AQUINO, J. G. Afetividade na escola Alternativas Teóricas e Práticas. Summus editorial, SP, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.) Marxismo e filosofia da linguagem. SP: Hucitec, 1988.

COUTO, E. K. N. N, DUNCK-CINTRA, E. M & BORGES, L.A. O. Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáforas, Tehsaurus, Brasília, DF, 2014.

\_\_\_\_\_. Ecolinguística estudo das relações entre língua e meio ambiente. Thesaurus, Brasília – DF, 2007.

DUARTE, N. Vigotsky e o “Aprender a aprender” Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Autores Associados, Campinas-SP, 2006.

Revista  
Diálogos